

# CADEIA AGROINDUSTRIAL DO LEITE NO MERCOSUL

Sebastião Teixeira Gomes<sup>1</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Para o Brasil, a cadeia agroindustrial do leite é uma das mais sensíveis às influências do Mercosul. Entre as razões dessa sensibilidade, merecem destaques as seguintes: a) No Brasil, a produção de leite é uma atividade importante, tanto do ponto de vista econômico quanto social, para todos os estados da federação; estima-se que o número de produtores comerciais seja em torno de um milhão; b) Do ponto de vista de consumo, o leite também é muito importante, em razão de suas características alimentícias. Para algumas fases da vida humana ele é essencial; c) Os sistemas de produção adotados no Brasil são muito menos produtivos que aqueles praticados em outros países do Mercosul, especialmente pela Argentina; e d) O Brasil ainda não conseguiu alcançar a auto-suficiência na produção de leite; por isso, é obrigado a recorrer, sistematicamente, ao mercado internacional para completar o abastecimento doméstico.

Nos últimos anos, as exportações de leite e de derivados dos países do Mercosul para o Brasil têm aumentado, significativamente, tanto em termos absolutos quanto relativos. Com certeza, tal comportamento se deve ao Mercosul, que garante o livre comércio entre os países membros.

Na cadeia agroindustrial do leite, as relações comerciais entre o Brasil e os países do Mercosul concentram-se entre Brasil e Argentina. Por essa razão, as discussões, apresentadas a seguir, focalizarão apenas esses dois países.

Além desta introdução, o trabalho está organizado em mais quatro capítulos: Cadeia agroindustrial do leite no Brasil; cadeia agroindustrial do leite na Argentina; comércio de lácteos no Mercosul; e resumo e conclusões.

## 2. CADEIA AGROINDUSTRIAL DO LEITE NO BRASIL

No Brasil, nos últimos anos, toda a cadeia do leite tem passado por profundas transformações. Os principais determinantes dessas transformações são: a) Liberação do preço do leite, no final de 1991; b) Queda da inflação, a partir de julho de 94, com o plano real; c) Maior abertura do comércio internacional, a partir do início dos anos 90, especialmente com a efetivação do Mercosul; e d) Crescimento da coleta a granel de leite.

A seguir serão discutidas as transformações verificadas nos segmentos da produção, indústria e consumo.

## **Produção**

As transformações em curso afetam todos os elos da cadeia, do produtor ao consumidor. No segmento da produção, a primeira transformação diz respeito ao aumento significativo da produção de leite, conforme indicam os dados da Tabela 1. Nos últimos três anos, a produção nacional aumentou 1,5 bilhão de litros de leite, a cada ano. Para se ter uma idéia desse aumento, basta compará-lo com o da Argentina. No mesmo período, naquele país, o aumento da produção foi de 300 milhões de litros, a cada ano, o que significa que o aumento anual da produção de leite do Brasil foi cinco vezes maior que o da Argentina.

A segunda transformação foi o aumento da produtividade do rebanho nacional. A evidência mais forte desse comportamento está na redução da sazonalidade da produção de leite. Há poucos anos, a diferença entre a menor e a maior produção mensal, durante o ano, chegava a 40%. Hoje, está em 28%, conforme dados da Tabela 2. Vale o registro que o cálculo da produtividade média do rebanho nacional é distorcido pela estrutura assimétrica da produção, visto que muitos produzem pouco e poucos produzem muito. Os produtores de até 50 litros de leite/dia correspondem a 50% do número total, mas respondem por apenas 10% da produção. No outro extremo, os produtores de mais de 200 litros/dia correspondem a apenas 10% do número total, porém respondem com 50% da produção. O grande número de pequenos produtores, cuja produção e produtividade estão estagnadas, mascara a produtividade média e dificulta a compreensão do real comportamento da produtividade do rebanho nacional.

A terceira transformação do segmento da produção diz respeito ao maior crescimento da produção de leite da região Centro-oeste, com destaque para o estado de Goiás, segundo dados das Tabelas 3 e 4. No período de 1990 a 97, enquanto a produção nacional cresceu 38%, a da região Centro-oeste foi de 70% e a do estado de Goiás de 76%. No Estado de Minas Gerais, maior produtor de leite do Brasil, o maior crescimento foi na região do Triângulo Mineiro-Alto Paranaíba, que se localiza a oeste do Estado.

Ao concluir a análise do segmento da produção, serão feitos alguns comentários sobre o comportamento da economia leiteira (produção e indústria) no ano de 1997, de janeiro a setembro, quando da elaboração deste documento.

Nos primeiros meses do ano, a produção aumentou, com taxas inferiores às verificadas no mesmo período dos dois anos anteriores. Isso estimulou os importadores a realizarem grandes volumes de importação, aproveitando-se dos dilatados prazos de financiamento e das taxas de juros anuais inferiores a 8% nos países de origem. De janeiro a julho de 1997, foram importadas 201 mil toneladas de derivados lácteos, com o valor FOB de 291 milhões de dólares.

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa

A combinação das maciças importações com o aumento da produção doméstica na seca de 97, e o menor ritmo de crescimento do consumo, desembocou no desequilíbrio de mercado. Em consequência disso, os preços recebidos pelos produtores começaram a cair a partir de agosto, em pleno período de seca. Essa situação é agravada pelo fato de a maior parte das importações ser realizada por empresários que apenas fracionam e embalam o produto para comercializá-lo. São os chamados sem-fábrica. As operações desses importadores acabam afetando, negativamente, os produtores e a indústria laticinista brasileira.

Diante dessa realidade, representantes dos produtores e da indústria uniram-se e, em 27 de agosto-97, em audiências com Ministros de Estado, apresentaram as seguintes reivindicações:

- a) Redução do prazo de financiamento das importações de produtos lácteos, para o período máximo de 30 dias, enquanto não existirem linhas de crédito no Brasil compatíveis com os juros praticados no mercado internacional;
- b) Criação de um preço de pauta de importação, com o objetivo de evitar o subfaturamento nas importações;
- c) Elevação da Tarifa Externa Comum (TEC) dos produtos lácteos, de 16 para 20%, com o objetivo de desestimular as operações de triangulação via Mercosul;
- d) Criação de linhas de crédito para financiamento de estocagem de leite em pó, queijos e manteiga, com o objetivo de enxugar o excedente de produção no período de safra e complementar o abastecimento na entressafra.
- e) Aplicação de medidas de salvaguarda, com restrições quantitativas às importações de produtos lácteos;
- f) Apoio às ações que visem coibir as práticas desleais de comércio.

### **Indústria**

No segmento da indústria, a principal consequência das mudanças em curso foi o aumento da concorrência, tanto na compra da matéria-prima quanto na venda de leite e derivados. Para enfrentar o aumento da concorrência na captação de leite, a indústria pratica uma política de pagamento ao produtor, a qual considera um preço-base mais bonificações por volume e qualidade. Com essa estratégia, busca-se atrair os maiores produtores. Nessa mesma linha está o programa que facilita a colocação de resfriador de leite nas fazendas, os quais são financiados pela indústria e pagos com a moeda-leite, num prazo médio de três anos.

As estratégias utilizadas pela indústria, além de garantir o fornecedor de matéria-prima, objetiva também uma matéria prima de melhor qualidade. Como consequência, a indústria pode ofertar leite e derivados de melhor qualidade aos consumidores. Além da qualidade, a comodidade do consumidor é outro aspecto que ganha cada vez mais importância. O exemplo mais forte é o leite longa vida.

Outra mudança importante no segmento da indústria é a concentração industrial. Aliás, esta tendência na indústria de laticínio é a mesma que se verifica em todo o setor da indústria brasileira. A busca de novos mercados leva a indústria a ampliar o leque de derivados e, por consequência, a concentração industrial.

### **Consumo**

No segmento de consumo, verificam-se duas tendências importantes: a) Aumento expressivo das quantidades consumidas de leite e derivados, como consequência da elevada elasticidade de renda destes produtos; e b) Mudanças de hábitos de consumo, com maior crescimento de derivados mais nobres (leia-se iogurte) e de maior comodidade (leia-se leite longa vida).

De acordo com os dados da Tabela 5, após o plano real, entre os derivados lácteos, os crescimentos de consumo mais expressivos foram do leite longa vida, com 340%, e do iogurte, 162%. No início do plano real, o sinônimo de sucesso do plano era o frango, comprado a R\$ 1,00 o quilo, com grande consumo. Atualmente, o sinônimo é o iogurte, que hoje é também consumido pelas camadas mais pobres da população.

O crescimento do leite longa vida aconteceu, em parte, pelo aumento do consumo de lácteos e, em parte, pela substituição do leite pasteurizado, em especial do leite B.

O expressivo crescimento de consumo de leite e de derivados, após o plano real, se deve à redução de preços desses produtos e, em consequência, ao aumento do poder de compra do consumidor. No período de julho de 94, início do plano real, a março de 97, a inflação, medida pela FIPE, foi de 62,67%, segundo a Tabela 6. Todos os derivados lácteos aumentaram de preço para o consumidor, menos que a inflação. Merecem destaques os decréscimos de preços nominais, naquele período, do leite longa vida (-6,3%), do requeijão (-4,7%) e do iogurte (-1,9%).

Após 1994, o consumo per capita de leite e de derivado mudou de patamar. Saiu do consumo médio de 100 litros/ano, que permanecia desde o final dos anos 70, para, aproximadamente, 140 litros/ano. Em consequência do enorme crescimento do consumo, mesmo que a produção doméstica tenha crescido, em média, 8% ao ano, o déficit no abastecimento aumentou. Por isto aumentaram, em muito, as importações de derivados lácteos.

### **3. CADEIA AGROINDUSTRIAL DO LEITE NA ARGENTINA**

A maior parte dos argumentos apresentados, a seguir, foi extraída das publicações do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária - INTA, Estación Experimental Agropecuaria Rafaela (República Argentina). Merecem destaques as seguintes publicações:

- a) Situacion y Perspectivas del Sector Lechero Argentina. Autores: Alejandro Galetto e Ernesto Schilder. INTA, Estación Experimental Agropecuaria Rafaela, agosto 1996. 25 p.
- b) Estructura y Resultados de Empresas Tamberas de la Zona Central de Santa Fe y Entre Rios, Año 1995. Autores: Ernesto Schilder, Jorge Girando e Alejandro Galetto. INTA, Estación Experimental Agropecuaria Rafaela, 1997.
- c) Información Técnica para Productores 1995-96. Autores: Pesquisadores do INTA, Estación Experimental Agropecuaria Rafaela (diversas). Publicación Micelánea nº 82, Abril 1997, 209 p.
- d) Temas de Produccion Lechera. Autores: Pesquisadores do INTA, Estación Experimental Agropecuaria Rafaela (diversas) Publicación Micelánea nº 81, octubre 1996. 225 p.

## **Produção**

A maior parte da produção de leite da Argentina está concentrada nas Províncias de Santa Fé, Córdoba, Buenos Aires e Entre Rios. Esta região, conhecida como pampa úmida, tem condições naturais de clima e de solo altamente favoráveis à produção leiteira. A elevada fertilidade do solo viabiliza sistemas de produção de leite baseados em pasto de alto valor nutritivo. Além disto, sendo a topografia totalmente plana, facilita a mecanização, o que também contribui para a redução dos custos de produção.

Além da topografia plana, da elevada fertilidade do solo e da presença de pastagens de alto valor nutritivo, principalmente os pastos de alfafa, outro aspecto de destaque na produção de leite da Argentina é a qualidade genética do rebanho. Graças a um intenso programa de inseminação artificial, que há muitos anos cobre a grande maioria das vacas, o rebanho argentino possui elevado grau de sangue da raça holandesa. Segundo técnicos argentinos, os animais possuem potencial de produção superior à produção efetiva, o que também contribui para reduzir os custos de produção, na opinião daqueles técnicos.

A dinâmica da cadeia agroindustrial do leite da Argentina vem mudando rapidamente. Tais mudanças ficaram mais aceleradas após o início do plano de estabilização econômica, em 1991. De 1981 a 1990, a produção de leite da Argentina cresceu apenas 1,8% ao ano; nos anos 70, o

crescimento foi praticamente nulo. Entretanto, a partir de 1991, cresceu muito, tanto a produção quanto a produção per capita, segundo dados da Tabela 7. De 1991 a 97, a produção cresceu à taxa média de 8% ao ano.

Nos últimos anos, a Argentina exportou de 20 a 25% de sua produção leiteira. Se toda essa exportação fosse destinada apenas ao Brasil, ela corresponderia a, mais ou menos, 10% da produção brasileira. Evidentemente que o efeito de tal exportação fica magnificado em razão de ela ocorrer em poucos meses do ano, no período da seca.

O principal destino da produção de leite da Argentina é para a fabricação de queijo, 45% do total. Apenas 25% da produção é consumida na forma de leite fluido, segundo Tabela 8. No Brasil, em torno de 20% da produção destina-se à fabricação de queijos e 50% ao consumo de leite fluido.

A indústria laticinista argentina é muito concentrada. A SanCor, que é uma cooperativa central, industrializa 31% da produção da Argentina, e reúne 100 cooperativas de produtores de leite, com 4000 associados. As três maiores firmas da indústria laticinista argentina recebem 62% da produção, segundo dados da Tabela 9.

Conforme referências anteriores, grandes transformações na cadeia agroindustrial do leite, da Argentina, aconteceram após o plano de estabilização econômica, em abril de 1991. Evidentemente que já existia, anteriormente, uma base de recursos naturais, de qualidade genética do gado e de nível de conhecimento técnico dos produtores, que não se manifestaram, em sua plenitude, por falta de ambiente econômico adequado. Esse ambiente veio com o plano de estabilização, combinado com variáveis do comércio internacional que facilitaram a exportação de derivados lácteos.

A evolução da produção leiteira, por unidade produtiva, é apresentada na Tabela 10. De 1993 a 97, a produção, por fazenda, dos filiados à SanCor aumentou 65%, passando de 628 a 1034 litros por dia. Aliás, esta é uma grande diferença, quando se compara a produção de leite do Brasil com a da Argentina. Enquanto no Brasil a produção média é de apenas 60 litros/dia, na Argentina é de 1000 litros/dia. Entre outras conseqüências, o maior volume de produção contribui para reduzir o custo fixo médio e, por extensão, o custo total médio.

## **Consumo**

Também o consumo de lácteos na Argentina foi muito influenciado pelo plano de estabilização econômica. Em 1990, o consumo aparente de leite e de derivados foi equivalente a 160 litros por habitante e, em 1994, a 224 litros. Realmente foi um crescimento espetacular.

No período de 1980 a 94, os maiores crescimentos relativos de consumo de derivados lácteos aconteceram com o iogurte, passando de 1,8 kg/habitante, em 1980, para 6,7 kg/habitante, em 1994, e com o leite longa vida, que cresceu 31%, em 95, em relação ao ano anterior.

Os dados da Tabela 11 indicam que o consumo na forma de derivados, equivalente a 166 litros/ano, é substancialmente maior que na forma de leite fluido, 58 litros/habitante/ano, em 1994. Merece destaque o elevado consumo de queijo, 10,9 kg/habitante/ano. Na Argentina o consumo de lácteos é distribuído assim: 75% na forma e derivados e 25% como leite fluido. No Brasil a distribuição do consumo é feita assim 50% na forma de derivados e 50% como leite fluido.

Na opinião de analistas argentinos, os atuais níveis de consumo de leite e de derivados só deverão crescer diante de uma mudança significativa da estrutura de renda da população daquele país. Em outras palavras, nos próximos anos, espera-se que todo o aumento da produção deverá destinar-se ao mercado externo.

## **Preços**

O preço da matéria-prima na Argentina é um dos mais baixos do mundo, garantindo a este país grande poder de competição no mercado internacional. De 1982 a 95, o preço médio recebido pelo produtor foi de \$0,163/litro, segundo dados da Tabela 12. Deve-se acrescentar que, ao contrário do produtor europeu, que recebe pesados subsídios, o baixo preço da matéria prima argentina é conseguido sem subsídios.

A competência do produtor argentino em produzir leite, a baixos custos, é reconhecida internacionalmente. O que se questiona, ou pelo menos o que se questionou muito no início do Mercosul, é a competência da indústria laticinista argentina. No início do Mercosul, uma idéia presente em várias discussões sobre este mercado é que o argentino era muito eficiente para produzir leite, mas pouco para industrializar. Na competição daquele país com o Brasil, o que ele ganhava na produção, perdia na industrialização.

Analisando apenas o segmento de leite fluido, verifica-se que, em 1995, o preço pago pelo consumidor (\$0,64/L), é muito elevado, em relação ao preço recebido pelo produtor (\$0,169/L), conforme dados das Tabelas 12 e 13. O preço recebido pelo produtor corresponde a apenas a 26% do preço pago pelo consumidor. Nessa comparação de preços, não se pode perder de vista que o consumo de leite fluido representa apenas 25% do consumo total de leite e derivados. O ideal seria comparar o preço pago pelo consumidor, resultado de uma cesta de consumo de todos os derivados lácteos, com o preço recebido pelo produtor. O percentual de 26% estaria totalmente correto, se todo o leite fosse consumido fluido. Ainda que com essa ressalva, aquele percentual sinaliza que a margem de industrialização e comercialização na Argentina é elevada. O corolário dessa conclusão é que, provavelmente, existam ineficiências nos segmentos da indústria e da distribuição.

Um ponto importante sobre a indústria laticinista argentina é que, nos últimos anos (após 95), vultosos investimentos têm sido realizado para torná-la mais eficiente; com certeza tais investimentos têm muito a ver com as possibilidades do mercado internacional.

Após 1995, os preços praticados na Argentina, tanto para produtor quanto para consumidor, elevaram-se. Em agosto de 1997, o preço médio recebido pelo produtor filiado à SanCor foi de US\$ 0,20 por litro, e o preço pago pelo consumidor, na província de Santa Fé, variava de US\$ 0,70 a US\$ 0,75 por litro.

#### **4. COMÉRCIO DO LEITE NO MERCOSUL**

A maior parte do comércio de lácteos no Mercosul acontece entre Brasil (comprando) e Argentina (vendendo). Para ambos os países, esse mercado tem crescido, de importância nos últimos anos.

Para o Brasil, além do aspecto comercial em si, o Mercosul tem funcionado como um ponto de referência para o produtor, puxando-o para a modernização. O Mercosul tem ajudado a criar um clima psicológico de necessidade de mudança. Muitas vezes, o produtor nem tem idéia precisa do que seja o Mercosul, mas sabe que ele é uma ameaça e que, para enfrentá-lo, há necessidade de melhorar sua produção e produtividade. A combinação da liberação do preço do leite e da efetivação do Mercosul fez com que o produtor internalizasse a necessidade de mudança e abandonasse a idéia de que o governo era o causador de todos os males.

Para a Argentina, o Mercosul transformou-se no seu principal mercado exportador de lácteos. Nos últimos anos, as exportações para o Brasil representaram, aproximadamente, 70% do total exportado pela Argentina. Por essa razão a Argentina vive, atualmente, um clima de preocupação, dada a possibilidade de o Brasil conseguir a auto-suficiência na produção de leite. O expressivo crescimento da produção de leite do Brasil, especialmente na região Centro-oeste, onde o custo de produção é baixo, tem preocupado muito industriais e produtores argentinos.

Atualmente, o mercado argentino de lácteos é totalmente dependente do Brasil. Por isso eles acompanham, atentamente e preocupados, o comportamento da produção de leite e a política cambial do Brasil, fatores importantes para a exportação de lácteos daquele país.

Já se observam na Argentina, tentativas de se libertar o mercado de lácteos da dependência do Brasil. Os argentinos estão buscando novas frentes de exportação em outros países da América do Sul e Central. Entretanto, reconhecem que o mercado internacional de lácteos é difícil de ser penetrado, visto que apenas 5% da produção mundial é comercializada no mercado internacional, sendo 2,5% comercializada na forma de acordos internacionais. Assim, sobram apenas 2,5% da produção mundial para o livre comércio entre os países. Tudo isto se traduz em preocupações para os argentinos, quanto ao futuro do mercado de lácteos.



De acordo com os dados da Tabela 14, em 1996, 65% das importações brasileiras de manteiga e de outras matérias gordas, provenientes do leite (código NCM - País de origem, 405), são dos países do Mercosul, sendo 16% da Argentina. O mercado de manteiga não é muito importante entre os derivados lácteos; mesmo assim, a participação do Mercosul é majoritária.

As importações brasileiras de leite e creme de leite não-concentrado (código 401), leia-se leite longa vida, aumentaram muito, de 1995 para 96, segundo Tabela 15. Em razão do elevado custo de transporte, todo o leite longa vida importado pelo Brasil é proveniente do Mercosul. Em 1996, em relação a 95, as importações de leite longa vida da Argentina reduziram, em termos relativos, passando de 60% para 48%. Nesse período, as importações do Uruguai aumentaram, passando de 40% para 52%. O leite longa vida importado destina-se, em maior parte, aos estados do Sul e a São Paulo.

As importações de queijos (código 406) feitas pelo Brasil têm oscilado muito, nos últimos anos. Em 95, foram importadas 89 mil toneladas e, em 96, 34 mil, segundo dados da Tabela 16. Tanto os países do Mercosul, como um todo, quanto a Argentina, em particular, têm aumentado as participações relativas nas importações de queijo. Depois do leite em pó, as importações de queijo representam as mais importantes entre as importações de derivados lácteos feitas pelo Brasil.

Finalmente, tem-se o mercado de leite em pó (código 402), que é o de maior expressão para o Brasil. As importações brasileiras de leite em pó aumentaram, significativamente após o plano real, passando de 89 mil toneladas, em 94, para 196 mil, em 96, segundo dados da Tabela 17. Nos anos de 95 e 96, a Argentina manteve a participação nas importações brasileiras de leite em pó, 29%, correspondentes a 60 mil toneladas/ano.

## **5. RESUMO E CONCLUSÕES**

Os dados apresentados e discutidos, anteriormente, permitem as seguintes conclusões:

- 1) Para o Brasil, a cadeia agroindustrial do leite é uma das mais sensíveis às influências do Mercosul.
- 2) As relações comerciais na cadeia agroindustrial do leite, entre os países do Mercosul estão concentradas entre Brasil e Argentina.
- 3) A efetivação do Mercosul trouxe boas conseqüências para os complexos agroindustriais do Brasil e da Argentina. Para a Argentina, o Mercosul ampliou as possibilidades de exportar seus

excedentes e, para o Brasil, o Mercosul estimulou produtores e industriais na busca de maior eficiência dos processos produtivos.

4) A liberação do preço do leite, a queda da inflação, a maior abertura para o comércio internacional e o crescimento da coleta de leite a granel foram os fatores que determinaram, e continuam determinando, profundas modificações em toda a cadeia do leite, no Brasil.

5) Após 1994, a produção de leite do Brasil cresceu, em média, 8% ao ano. A manter este desempenho, projeta-se para os primeiros anos do século XXI o alcance da auto-suficiência na produção de leite.

6) Entre as transformações verificadas no segmento da produção de leite do Brasil, merecem destaques o expressivo crescimento da produtividade do rebanho e as altas taxas de crescimento da produção de leite da região de cerrado.

7) No início de 1997, projetava-se para este ano um volume de importações de lácteos, para o Brasil, inferior ao de 96. Entretanto, tal previsão não se confirmou, visto que as importações verificadas no primeiro semestre foram superiores às do ano passado, no mesmo período.

8) A combinação de maior volume de importação com crescimento da produção (especialmente no período da seca) e menor ritmo de crescimento do consumo, no primeiro semestre de 97, criou um desequilíbrio no mercado do leite, a partir de julho. Tal desequilíbrio teve como consequência redução de preço pago ao produtor, em pleno período de entressafra, e maior pressão das lideranças dos setores de produção e da indústria contra importações favorecidas pelo longo prazo de pagamento e pelas baixas taxas de juros nos países de origem.

9) No caso do Mercosul, as lideranças reivindicam medidas que venham desestimular as operações de triangulação; especificamente, elevação da TEC dos produtos lácteos, de 16 para 20%.

10) Entre as transformações verificadas na indústria laticinista brasileira, merecem destaques a concentração industrial e a oferta de novos produtos, objetivando, principalmente, a comodidade do consumidor.

11) Após 1994, o consumo de lácteos no Brasil mudou de patamar, passando de 100 litros/habitantes/ano (consumo que permanecia desde o final dos anos 70) para 140 litros.

12) Do início do plano real até março-97, as maiores taxas de crescimento do consumo foram do leite longa vida, 340%, e do iogurte, 162%.

13) As condições naturais de clima e solo, aliadas à topografia plana, garantem à Argentina grande vantagem na produção de leite, quando comparada com a do Brasil.

14) As transformações na cadeia agroindustrial da Argentina aceleram o ritmo após o plano de estabilização, em abril de 1991. O crescimento da produção nos anos 70 foi praticamente nulo de 1981 a 90, apenas 1,8% ao ano; e de 1991 a 97, 8% ao ano.

15) As exportações de lácteos da Argentina correspondem de 20 a 25% de sua produção. O total exportado equivale a, aproximadamente, 10% da produção do Brasil.

16) A indústria laticinista argentina é muito concentrada; as três maiores firmas recebem 62% da produção, e a maior, 31%.

17) O consumo de lácteos na Argentina aumentou muito após o plano de estabilização econômica. Em 1990, o consumo aparente era equivalente a 160 litros por habitante e, em 1994, 224 litros.

18) O preço da matéria prima da indústria láctea argentina é um dos mais baixos do mundo. De 1982 a 95 o preço médio recebido pelo produtor foi \$ 0,163/litro.

19) O preço ao consumidor é elevado, quando comparado com o pago ao produtor, o que significa que as margens de industrialização e comercialização são altas.

20) Nos últimos três anos, as exportações de lácteos da Argentina para o Brasil representaram 70% do total exportado por aquele país o que torna a Argentina muito dependente do mercado brasileiro.

21) O expressivo crescimento da produção de leite do Brasil, com possibilidade de alcançar, em breve, sua auto-suficiência, tem sido motivo de preocupação pelos produtores e industriais argentinos. Tais preocupações são acentuadas pela forma com que o crescimento da produção vem acontecendo, especialmente na região do cerrado, onde o custo de produção é baixo.

22) Quanto ao futuro do comércio de lácteos no Mercosul, duas questões são da mais alta importância. A primeira é que este comércio, ou melhor dizendo a competição neste mercado, irá acontecer entre marcas (ou indústrias). Por exemplo, são os produtos da SanCor “versus” os da Paulista e assim por diante. Em outras palavras, não será uma competição generalizada entre os dois países, mesmo porque, provavelmente, indústrias brasileiras deverão ter plantas industriais no solo argentino e vice-versa.

23) A auto-suficiência na produção de leite, pelo Brasil, não deverá significar o fim das importações argentinas de derivados lácteos, mas apenas a mudança no sentido dos fluxos deste mercado. Atualmente, a comercialização de lácteos no Mercosul só tem um sentido: a Argentina exporta e o Brasil importa. No futuro, será uma via de mão dupla, visto que Brasil e Argentina exportarão e importarão, dependendo da época e das vantagens relativas desses países.

24) A alimentação volumosa do rebanho (especialmente as pastagens) e a composição genética dos animais (predominância de gado mestiço) indicam que, por muito tempo, haverá sazonalidade na produção de leite do Brasil. Ainda que venha reduzindo, ela ainda existe e existirá por muitos anos.

25) O sistema de produção de leite adotado por maior número de pecuaristas, no Brasil, conduz à diferença significativa, no custo de produção de leite, entre os períodos da seca e das águas. Tal comportamento é mais efetivo na região do cerrado, onde há mais produção de leite.

26) A maior produção e o menor custo do período das águas sinalizam a possibilidade de o Brasil ter poder de competição, para exportar leite para Argentina, nesse período. Já no período da seca, ainda por muitos anos, o Brasil necessitará de importação para completar o abastecimento doméstico.



# TABELAS

**Tabela 1 - Produção, Importação e Consumo de Leite do Brasil**

Ano	Produção (Milhões de Litros)	Importação (Equivalente a milhões de litros)	Importação ----- x % Produção	Consumo per capita aparente (Equivalente a litros/hab.)
1980	11.162	774,0	6,93	100,67
1981	11.324	56,1	0,50	93,89
1982	11.461	79,3	0,69	93,15
1983	11.463	192,8	1,68	92,09
1984	11.933	206,9	1,73	93,91
1985	12.078	331,0	2,74	94,02
1986	12.492	2.319,0	18,56	109,99
1987	12.996	813,0	6,26	100,60
1988	13.522	214,0	1,58	98,24
1989	14.095	1.357,0	9,63	108,58
1990	14.484	906,0	6,26	106,34
1991	15.079	1.313,0	8,71	111,45
1992	15.784	276,0	1,75	107,53
1993	15.591	632,0	4,05	107,03
1994	15.784	1.250,0	7,92	110,81
1995	17.694	3.200,0	18,09	134,09
1996	19.021	2.450,0	12,88	135,94
1997*	20.025	1.800,0	8,99	138,36

Fonte: IBGE, MAA, MF.

\* Estimativa.

**Tabela 2 - Índice da Produção de Leite do Brasil Sob Inspeção Federal**

<b>Mês/Ano</b>	<b>Índice</b>
Julho 95	100
Agosto 95	103
Setembro 95	99
Outubro 95	113
Novembro 95	121
Dezembro 95	128
Janeiro 96	128
Fevereiro 96	113
Março 96	114
Abril 96	105
Mai 96	105
Junho 96	100

Fontes: Dados básicos-IBGE, pesquisa mensal de leite.

**Tabela 3 - Evolução da Produção de Leite do Brasil Segundo as Grandes Regiões**

Ano	Unidade	Brasil	Regiões				
			Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
<b>1990</b>	<b>Milhões ls</b>	<b>14.484</b>	<b>555</b>	<b>2.045</b>	<b>6.923</b>	<b>3.262</b>	<b>1.699</b>
<b>1990</b>	<b>Índice</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>1991</b>	<b>Índice</b>	<b>104</b>	<b>123</b>	<b>106</b>	<b>101</b>	<b>104</b>	<b>108</b>
<b>1992</b>	<b>Índice</b>	<b>109</b>	<b>131</b>	<b>111</b>	<b>104</b>	<b>110</b>	<b>117</b>
<b>1993</b>	<b>Índice</b>	<b>108</b>	<b>129</b>	<b>82</b>	<b>106</b>	<b>113</b>	<b>127</b>
<b>1994</b>	<b>Índice</b>	<b>109</b>	<b>117</b>	<b>87</b>	<b>106</b>	<b>117</b>	<b>128</b>
<b>1995</b>	<b>Índice</b>	<b>122</b>	<b>150</b>	<b>115</b>	<b>116</b>	<b>123</b>	<b>143</b>
<b>1996</b>	<b>Índice</b>	<b>131</b>	<b>162</b>	<b>129</b>	<b>124</b>	<b>130</b>	<b>157</b>
<b>1997*</b>	<b>Índice</b>	<b>138</b>	<b>173</b>	<b>139</b>	<b>128</b>	<b>137</b>	<b>170</b>

Fonte: IBGE.

\* Estimativa.



**Tabela 4 - Evolução da Produção de Leite do Brasil em Alguns Estados**

<b>Ano</b>	<b>Unidade</b>	<b>Brasil</b>	<b>Estados</b>		
			<b>Minas Gerais</b>	<b>São Paulo</b>	<b>Goiás</b>
<b>1990</b>	<b>Milhões ls</b>	<b>14.484</b>	<b>4.291</b>	<b>1.961</b>	<b>1.072</b>
<b>1990</b>	<b>Índice</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>1991</b>	<b>Índice</b>	<b>104</b>	<b>101</b>	<b>101</b>	<b>109</b>
<b>1992</b>	<b>Índice</b>	<b>109</b>	<b>105</b>	<b>103</b>	<b>119</b>
<b>1993</b>	<b>Índice</b>	<b>108</b>	<b>105</b>	<b>104</b>	<b>131</b>
<b>1994</b>	<b>Índice</b>	<b>109</b>	<b>107</b>	<b>102</b>	<b>131</b>
<b>1995</b>	<b>Índice</b>	<b>122</b>	<b>116</b>	<b>114</b>	<b>144</b>
<b>1996</b>	<b>Índice</b>	<b>131</b>	<b>124</b>	<b>120</b>	<b>160</b>
<b>1997*</b>	<b>Índice</b>	<b>138</b>	<b>128</b>	<b>127</b>	<b>176</b>

Fonte: IBGE.

\* Estimativa.

**Tabela 5 - Crescimento do Consumo de Leite e Derivados no Brasil. Dados em %**

Especificação	De julho de 94* a março 97
Leite longa vida	340
Iogurte	162
Requeijão	119
Leite fluido	43
Queijo	28

Fonte: FIPE-USP (Revista Produtor Parmalat, maio 97).

\* Julho de 1994, início do plano real.

**Tabela 6 - Evolução dos Preços de Leite e Derivados, para o Consumidor, e da Inflação no Brasil. Dados em %**

Especificação	De julho de 94* a março 97
Leite C	34,6
Leite B	29,4
Leite longa vida	- 6,3
Leite em pó	8,5
Leite condensado	28,7
Creme de leite	28,7
Manteiga	52,4
Queijo mozzarella	3,2
Queijo prato	5,2
Requeijão	- 4,7
logurte	- 1,9
Inflação (Fipe)	62,67

Fonte: FIPE-USP (Revista Produtor Parmalat, maio 97).

\* Julho de 1994, início do plano real.

**Tabela 7 - Produção de Leite na Argentina**

Ano	Produção (milhões de litros)	Produção per capita (litros/hab./ano)
1981	5.092	177,8
1982	5.487	188,9
1983	5.697	193,4
1984	5.341	178,8
1985	5.962	197,0
1986	5.721	186,5
1987	6.190	199,1
1988	6.061	192,5
1989	6.520	204,3
1990	6.093	188,7
1991	5.937	181,6
1992	6.591	197,5
1993	7.002	207,3
1994	7.777	227,0
1995	8.528	246,6
1996	8.762	256,0
1997*	9.025	269,0

Fonte: Departamento de Lechería. Secretaría de Agricultura, Pesca y Alimentación (SAP y A).

**Tabela 8 - Distribuição de Produtos Lácteos na Argentina em 1994.**

Produtos e Subprodutos	Participação - %
Leche Fluída (1)	25,4
Queso pasta blanda	18,6
Queso pasta semidura	16,7
Leche en polvo	15,7
Queso pasta dura	9,5
Manteca	8,6
Yogur	2,5
Dulce de leche	2,2
Leche condensada	0,4
Postres y flanes	0,3
<b>Total</b>	<b>100,0</b>

(1) incluye leche pasterizada, esterilizada, chocolatada y 45% de leche cruda.

Fonte: Departamento de Lechería-SAP y A.

**Tabela 9 - Principais Firmas, Tipos de Empresa e Recepção de Leite na Argentina, em Outubro de 1994**

Firma	Tipo de Empresa	Recepção (L/dia)
SanCor	Cooperativa	4.600.000
Mastellone Hnos (La Sereníssima)	Privada Nacional	3.200.000
Nestlé	Privada Multinacional	1.300.000
Asoc. Unión Tamberos (Milkaut)	Cooperativa	970.000
Sucesores de Alfredo Williner	Privada Nacional	950.000
Gándara/Lactona	Privada Nacional	550.000
Verónica	Privada Nacional	550.000
Abolio y Rubio	Privada Nacional	490.000
Molfino	Privada Nacional	400.000
Federación ARCOL	Cooperativa	300.000
Cotar	Cooperativa	300.000
Manfrey	Cooperativa	280.000
Santa Rosa	Privada Multinacional	200.000
Parmalat	Privada Multinacional	185.000
La Suipachense	Cooperativa	140.000
Cotapa	Cooperativa	130.000
El Amanecer	Privada Nacional	120.000

Fonte: Galetto, A. Situación y Perspectiva del Sector Lechero Argentino.

**Tabela 10 Consumo Aparente por Habitante de Alguns Produtos Lácteos na Argentina, em 1994.**

Produto	Unidade	Quantidade
Leche Fluida	L/ano	58,0
Quesos	Kg/ano	10,9
Leche en Polvo	Kg/ano	3,4
Dulce de Leche	Kg/ano	2,9
Manteca	Kg/ano	1,3
Yogur	Kg/ano	6,7
Flanes/Postres	Kg/ano	0,6
L.condensada	Kg/ano	0,4
Total lácteos	L/ano	224

Fonte: Departamento de Lechería-SAP y A.

**Tabela 11 - Produção Média dos Filiados à SanCor - Cooperativas Unidas Ltda.-Argentina**

Mês/Ano	Produção por “tambo” litros/dia
Fevereiro 1993	628
Fevereiro 1994	717
Fevereiro 1995	839
Fevereiro 1996	926
Fevereiro 1997	1.034

Fonte: SanCor.



**Tabela 12 - Preços Recebidos pelo Produtor na Província de Santa Fé. Dados em \$, de Dezembro de 1995**

Ano	\$ por Litro
1982	0,138
1983	0,148
1984	0,170
1985	0,190
1986	0,183
1987	0,162
1988	0,157
1989	0,121
1990	0,140
1991	0,138
1992	0,191
1993	0,185
1994	0,184
1995	0,169
Média	0,163
Máximo Mensal	0,246
Mínimo Mensal	0,059

Fonte: Galetto, A. Situación y Perspectivas del Sector Lechero Argentino.

**Tabela 13 - Preços Pagos pelo Consumidor Argentino, em 1994 e 95. Dados em \$ Corrente**

Produto	Unidade	Média de 94	Média de 95
Leche fluida	\$/litro	0,58	0,64
Queso fresco	\$/kg	4,18	4,22
Manteca	\$/kg	5,55	6,05
Leche en polvo	\$/kg	6,90	7,03
Queso fundido	\$/kg	6,30	7,00
Queso Pategrás	\$/kg	6,89	6,87
Queso Reggianito	\$/kg	10,56	10,63
Dulce de leche	\$/kg	3,56	3,74
Yogur	\$/unidade	0,56	0,62

Fonte: Galetto, A. Situación y Perspectivas del Sector Lechero Argentino.

**Tabela 14 - Importações Brasileiras de Produtos Lácteos, Manteiga e Outras Matérias Gordas Provenientes do Leite**

<b>Ano</b>	<b>Importação (t)</b>	<b>Distribuição da importação - %</b>	
		<b>Mercosul (Incluindo a Argentina)</b>	<b>Argentina</b>
<b>1995</b>	<b>20.874</b>	<b>43</b>	<b>16</b>
<b>1996</b>	<b>12.257</b>	<b>65</b>	<b>16</b>

Fonte: Secretaria da Receita Federal / MF.

**Tabela 15 - Importações Brasileiras de Produtos Lácteos, Leite e Creme de Leite não Concentrados (Longa Vida)**

<b>Ano</b>	<b>Importação (t)</b>	<b>Distribuição da importação - %</b>	
		<b>Mercosul (Incluindo a Argentina)</b>	<b>Argentina</b>
<b>1995</b>	<b>59.169</b>	<b>99,92</b>	<b>60,32</b>
<b>1996</b>	<b>89.160</b>	<b>99,65</b>	<b>48,63</b>

Fonte: Secretaria da Receita Federal / MF.

**Tabela 16 - Importações Brasileiras de Produtos Lácteos, Queijos e Requeijão**

<b>Ano</b>	<b>Importação (t)</b>	<b>Distribuição da importação - %</b>	
		<b>Mercosul (Incluindo a Argentina)</b>	<b>Argentina</b>
<b>1995</b>	<b>89.281</b>	<b>16</b>	<b>8</b>
<b>1996</b>	<b>33.866</b>	<b>57</b>	<b>25</b>

Fonte: Secretaria da Receita Federal / MF.

**Tabela 17 - Importações Brasileiras de Produtos Lácteos, Leite e Creme de Leite (nata) Concentrados**

<b>Ano</b>	<b>Importação (t)</b>	<b>Distribuição da importação - %</b>	
		<b>Mercosul (Incluindo a Argentina)</b>	<b>Argentina</b>
<b>1993</b>	<b>61.122</b>	<b>31</b>	<b>16</b>
<b>1994</b>	<b>89.177</b>	<b>48</b>	<b>35</b>
<b>1995</b>	<b>210.412</b>	<b>36</b>	<b>29</b>
<b>1996</b>	<b>196.274</b>	<b>37</b>	<b>29</b>

Fonte: Secretaria da Receita Federal / MF.